

Auto-Análise Docente: uma Proposta

Marizete Righi Cechin

Professora da FADEP, licenciada em Letras Português-Inglês, especialista em Língua Inglesa. Mestrado em Educação pela UFSM (bolsista CNPq). Participa do GT Educação e Trabalho da CNPq. MRCechin@bol.com.br

Resumo:

O texto apresenta a pesquisa "Um olhar docente: auto-análise das ações pedagógicas". A estrutura básica do projeto é delineada: o problema (Como a auto-análise das ações pedagógicas auxilia o olhar crítico-reflexivo docente?), a justificativa, o objetivo (refletir como a análise das ações pedagógicas na disciplina de Comunicação Empresarial I auxilia o olhar crítico-reflexivo docente), o embasamento teórico e a metodologia (investigação-ação educacional). Por último, apresentam-se os procedimentos operacionais e algumas considerações feitas a partir das observações e registros durante a coleta de dados.

Palavras-chave: Professor, reflexão, investigação-ação, educação.

Abstract:

The text presents the search "The professor look: self-analysis of pedagogies actions". The basic structure of plan is sketch: the question (How does the self-analysis of pedagogies actions helps the professor critical reflexive look?), the reason, the purpose (to think how the analysis of pedagogies actions on Comunicação Empresarial I content helps the professor critical reflexive look), the theoretical referential and the methodology (educational action-research). The last, the text shows the procedure of action and some reflection about observations and notes did during the data gathering.

Key-words: Teacher, meditation, action research, education.

1 - Considerações iniciais

Você lerá sobre a proposta da pesquisa "Um olhar docente: auto-análise das ações pedagógicas", que está sendo realizada na Faculdade de Pato Branco — FADEP.

Esta pesquisa surgiu a partir de algumas questões usuais para o docente compromissado com o fazer pedagógico transformador: que ações transformam a sala de aula? Como o profissional da educação deve agir para auxiliar nas transformações dos educandos e em suas ações? Como atuar para que os educandos promovam o seu próprio conhecimento? Como melhorar o envolvimento da turma com o conteúdo proposto na ementa? Como consequência dessas reflexões constantes, resolveu-se elaborar um projeto com a intenção de se estudar a própria prática, a ação docente no momento em que ela acontece. Assim, um projeto foi elaborado no segundo semestre de 2001,

aprovado pela instituição no fim do mesmo ano e passou a ser executado em março de 2002. A seguir, a proposta.

2 - O problema

O problema da pesquisa ficou assim estruturado: como a auto-análise das ações pedagógicas auxilia o olhar crítico-reflexivo docente?

3 - O objetivo

O objetivo da pesquisa é refletir como a análise das ações pedagógicas desenvolvidas por mim na disciplina de Comunicação Empresarial I auxilia o olhar crítico-reflexivo docente, ou seja, desejo cogitar sobre as minhas ações e perceber as influências desse movimento no educador crítico-reflexivo que tento ser.

4 - A justificativa

A justificativa para se pesquisar a própria ação está na crença de que uma das maneiras do professor se aprofundar no processo de reflexão docente é ser um pesquisador da sua própria prática. É fazer do espaço da sala de aula (a sua sala) uma oportunidade de aprendizagem da prática, do pensar, do agir.

Além disso, sabe-se que a ação docente é complexa. Devido à complexidade que se estabelece na sala de aula, as vezes, certos procedimentos são tomados sem muita reflexão. O pensar a ação docente (analisar e ler sobre) a sala de aula garante um melhor posicionamento na tomada de atitudes e de direcionamentos.

5 - O referencial teórico

O referencial teórico contempla a necessidade do professor ser pesquisador.

A práxis pedagógica no ensino superior exige do docente algumas competências. O domínio de uma determinada área é uma dessas competências, mas insuficiente para se atuar como docente. Precisa-se estar em contato com as novas visões da área escolhida, saber o que está sendo estudado, discutido. O docente precisa estar em constante atualização.

Essa exigência pode ser contemplada com a pesquisa, que no entender de MASSETTO (1998:19) é:

(...) aquela atividade que o **professor** realiza por meio de seus **estudos** e de **suas reflexões críticas** sobre **temas teóricos** ou **experiências pessoais**, que reorganizam seus conhecimentos, reconstruindo-os, dando-lhes novo significado, produzindo textos e 'papers' que possam ser lidos e discutidos por seus alunos e seus pares. (Destaques meus)

Observa-se que a pesquisa é um procedimento necessário, pois fortalece a reflexão docente sobre um assunto previamente escolhido. Ao estudar e repensar o problema selecionado, o processo reflexivo vai acontecendo, a troca de conceitos também, e a reciclagem do pensar e agir, aos poucos, se dá.

Além de ser uma condição necessária, a pesquisa é algo inerente à prática do professor. Freire (1997:32) afirma que "não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino", esclarece sua posição em nota de rodapé:

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender, o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescenta ao ensinar. Faz parte da natureza da

prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador.

Percebe-se que a pesquisa é parte da ação pedagógica do professor, não um complemento ou aditivo à profissão. Para Freire (1997:43/44) essa inerência da pesquisa ligada à ação pedagógica se dá porque o homem por natureza é "epistemologicamente curioso" e completa: "pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática".

A curiosidade por natureza também pode ser compreendida como sendo parte do processo de desenvolvimento humano. VYGOTSKY (1993) defende que a interação sujeito x realidade sócio-histórica é latente e contínua no homem. Assim, o movimento de analisar o passado e projetar o futuro comentado por FREIRE (1997) é também a condição de vida humana na terra, ou seja, o homem só é superior aos outros seres porque pensa o seu existir.

Outra maneira de observar esse processo espiralado de ir e vir no tempo para melhorar a prática pode ser encontrada na investigação-ação. A investigação-ação é uma postura de investigação em que os envolvidos compartilham de uma mesma situação e em eventuais problemas, refletem juntos sobre as ações passadas, planejam procedimentos de ação, agem e observam para verificar se a suposta solução ao problema inicial está tendo resultados positivos (mais adiante esse item será retomado).

Observando a realidade, percebe-se que a pesquisa faz parte do cotidiano das pessoas. Uma cozinheira que deseja criar uma receita terá por base o que já fez para projetar sabores e misturas no novo prato. Um agricultor que tenciona plantar feijão partirá do seu conhecimento prévio de que se precisa uma terra fértil, sementes boas, água e cuidados para que o pé de feijão tenha

feijões. Um professor, ao começar um novo tópico, irá projetar procedimentos de aula com base em suas experiências passadas (ou como aluno ou como docente) que deram certo e que deseja resgatar.

Nesse enfoque, a pesquisa não é restrita aos sujeitos ditos cientistas, mas a todo ser humano que para agir retoma conceitos e projeta ações. Entretanto, a pesquisa científica apresenta um diferencial. Ela envolve, entre tantas outras características, a leitura, o registro das reflexões e a divulgação dos resultados.

As leituras representam o subsídio teórico, que alimentam o pesquisador e o orientam. Alimentam informando ao leitor o que já existe na área sobre o assunto, para que ele não pesquise o que já foi investigado. Direcionam o investigador nas reflexões sobre o fenômeno para que ele faça o caminho de investigação mais coerente com base em referenciais pertinentes.

Os registros das reflexões são todos os apontamentos oriundos das reflexões que surgem das leituras e da observação da realidade escolhida (quando tiver) através de relatórios, de resumos, de artigos e do próprio trabalho concluído.

E o último diferencial citado entre a pesquisa cotidiana e a científica baseia-se na divulgação dos resultados. De nada adianta ocupar-se de leituras, fichamentos, relações entre autores e conceitos, registros constantes e a escrita dos resultados se o material ficar engavetado.

O compartilhar o que se estuda também é citado por MASSETTO (1998:19) como sendo uma definição de pesquisa.

Entendemos por pesquisa os trabalhos específicos preparados pelos professores para serem apresentados em congressos e simpósios, explorando aspectos teóricos ou relatando criticamente suas experiências pessoais na área

profissional ou de ensino, ou discutindo novos aspectos de algum assunto mais atual.

Percebe-se que o ato da pesquisa não é um ato isolado. Não se pesquisa egoisticamente. A troca de informações propicia que o estudo avance e que a análise do material tenha ângulos diversificados. Submeter os resultados de pesquisas (mesmo que parciais) a apreciação de outros profissionais em eventos científicos proporciona ampliação das reflexões sobre o que se estuda.

Nota-se que a troca de informações é um recurso que se tem para se pensar a ação docente. E um dos meios dessa partilha acontecer é com o diálogo, numa relação de respeito com o semelhante. Nas palavras de FREIRE (1987) numa relação horizontal em que um sujeito não inibe a ação do outro (como na relação vertical), mas a oralidade de um dos envolvidos significa um momento de pensar o existir a partir da verbalização.

É nesse diálogo (horizontal) que o ensino e a aprendizagem se concretizam. Relembrando a postura vygostiana, percebe-se que é com a interação social que os saberes se formam e se fortalecem, e a linguagem tem seu papel significativo nesse processo evolutivo de construção humana.

Para VYGOTSKY (1991) a linguagem é a materialização do pensamento e ela só acontece se o sujeito se encontrar em interação com a realidade sócio-histórica. Ou seja, quando uma criança nasce são os estímulos externos que apóiam a formação de conceitos internos sobre as coisas já existentes na realidade. Esse processo não é linear, mas mediado. Dito de outra forma, a reação ao social no ser humano não ocorre como ocorre nos animais, o homem não responde por instinto, mas pensa a sua ação e age racionalmente de modo a beneficiar-se através da ação pensada. Isso significa que a linguagem é um ato pensado e o diálogo é resultado de um processo mental que visa a externalização

sonora de movimentos intelectuais formados ou em formação. Com isso, fica explícita a pesquisa docente como elemento constitutivo da formação permanente do professor.

6 - O referencial metodológico

Quanto ao referencial metodológico, já o mencionei, é o da Investigação-ação. Embora a investigação-ação tenha sua origem na compreensão das leis que governavam a vida social no pós-guerra, hoje ela é usada para fins educacionais.

Uma das principais características da Investigação-ação é a espiral auto-reflexiva (self-reflective spiral). CARR & KEMMIS (1989:186) na clássica obra *Becoming critical: education, knowledge and action research* apresentam um quadro em que os momentos da espiral podem ser analisados melhor:

	Reconstrutiva	Construtiva
Discurso Entre participantes	4 Reflexão → ↑	→ 1 Plano ↓
Prática No contexto social	3 Observação ←	← 2 Ação

Esse quadro é a representação dos quatro momentos da espiral auto-reflexiva. CECHIN (2000:18) diz que o planejamento, a ação, a observação e a reflexão

estão organizados em dois planos, um de caráter

reconstrutivo e construtivo; outro, de caráter discursivo e prático. O discursivo acontece entre participantes, o prático, no contexto social. Esses quatro momentos se encontram num ponto que implica um olhar retrospectivo (looks back) e prospectivo (looks towards) do processo, formando, assim, a espiral auto-reflexiva.

O movimento constante dessas quatro fases faz avançar a compreensão do grupo em relação à situação que se discute. No cotidiano docente, essa espiral se desenvolve sempre que o diálogo se estabelece e se permite que os integrantes participem da elaboração do processo educacional, discutem o procedimento didático, exponham suas opiniões sobre o andamento do assunto em discussão, sugerem procedimentos para melhorar tanto a compreensão teórica como prática da questão em pauta. Agem e voltam a discutir.

O procedimento descrito (planejar, agir, observar e refletir) é uma espiral constante. Em um exemplo do cotidiano educacional funciona assim: tem-se um problema em sala, a falta de atenção de alguns alunos, por exemplo. Esse problema não é só do professor, que fica aborrecido por não envolver todos na sala, mas também dos que estão atuando e dos que estão atentos com outras coisas diferentes das da aula. Para aqueles interessados em atuar o problema está na falta de coleguismo, para aqueles que não têm interesse na aula o problema é a falta de 'algo' que os chame a atenção para a aula. Assim, há consenso de que há uma situação limite em sala e precisa ser alterada para que haja produção de conhecimento. O procedimento é um diálogo entre o grupo. Desse diálogo, faz-se alguns planejamentos para solucionar o problema. As sugestões são colocadas pelo grupo e se negocia um acordo para que elas sejam

efetivadas. A ação acontece. Na reflexão o grupo discute se a ação planejada serviu para solucionar o problema ou se há necessidade de rever o planejamento e negociar outra ação. Esse movimento lança o grupo para um novo desafio, que pode ser o ajuste do planejamento ou uma nova ação para manter o grupo longe do problema inicial, isso faz a espiral manter-se sempre em evolução.

Além da espiral auto-reflexiva, precisa-se ter três condições mínimas para praticar Investigação-ação: 1) o projeto da pesquisa precisa contemplar um tema relacionado à prática social, 2) a pesquisa precisa executar a espiral auto-reflexiva e 3) é necessária a participação de todos em cada uma das fases da espiral (CARR & KEMMIS, 1986).

Assim, percebe-se que a pesquisa "Um olhar docente: auto-análise das ações pedagógicas" contempla esses três requisitos para se trabalhar com a Investigação-ação. A pesquisa tem um projeto que envolve a prática social, pois o espaço em que ela acontece, as salas de aula, representam um exemplo de prática social. Além disso, a pesquisa executa as quatro fases da espiral auto-reflexiva e os grupos atuam em cada fase da espiral.

7 - A operacionalização da pesquisa

A operacionalização da pesquisa acontece na FADEP com os cursos de Administração Geral, Gestão da Informação e Rural onde atuo como docente na disciplina de Comunicação Empresarial I.

A coleta de dados acontece durante cada aula. Em pesquisas como a investigação-ação, tem-se a possibilidade de se usar registros diários. Esses registros são recursos que auxiliam na reflexão das ações por envolverem o pesquisador na tarefa de parar, escrever o que aconteceu (enquanto escreve,

pensa a ação realizada), ler, refletir sobre o que se passou e projetar ações pedagógicas diferenciadas. Nos termos usados para registro das ações:

As narrativas que relatam os fatos para uma consulta posterior são chamadas de diário de bordo (log), diário íntimo (diary) e registro quotidiano (journal). O primeiro caracteriza-se pelo caráter objetivo dos acontecimentos; o segundo, além da objetividade do texto, permite o afastamento do autor possibilitando a reflexão do ato educativo através do diálogo do autor com ele próprio e com sua ação; o terceiro inclui as características de ambos os tipos de narrativas anteriores mas com a vantagem de reconstruir a experiência vivida em termos de fatos e sentimentos possibilitando a tomada de consciência daquilo que foi objetivo e subjetivo. (CECHIN, 2002:3).

Percebe-se que o tipo mais completo de anotação é o registro quotidiano, pois envolve o conjunto de acontecimentos objetivos e subjetivos no ambiente.

Um registro de ações começa com três questões: o que é que se fez? Por quê? Baseado em quê? Essas indagações propiciam ao investigador pensar sobre o que aconteceu e questionar a sua ação, ambas atitudes são características constantes do professor reflexivo.

Tem-se, assim, nos registros das ações uma forma de se reconhecer os problemas (um problema pode ser uma ação, uma situação ou um planejamento) corriqueiros de uma sala de aula com maior possibilidade de compreensão da complexidade da realidade, pois, ao escrever sobre o problema, o pensar sobre a ação vai se dando.

A coleta de dados se estende durante todo o primeiro semestre de 2002. A leitura do referencial teórico acontece durante todo o ano de 2002 (período em que está prevista a duração desta pesquisa). A organização dos dados acontece

no segundo semestre de 2002 e o relatório será elaborado em dezembro de 2002.

8 - Considerações finais

O trabalho com a investigação-ação possibilita rever procedimentos a partir de ações, observações e reflexões, assim, é possível, graças a espiral auto-reflexiva, tecer comentários antes mesmo que a fase de coleta de dados termine.

O destaque está na transformação que ocorre na realidade educacional quando o docente se auto-analisa no seu próprio espaço de atuação.

Durante a coleta de dados registrou-se vários momentos que foram alterados em função das opiniões do grupo e de observações realizadas. Isso significa que se a ação não fosse repensada (lê-se, se não houvesse auto-análise docente a partir das considerações dos acadêmicos), o grupo iria receber as tradicionais aulas com a seleção dos materiais considerados conveniente para o educador. O que ajuda na auto-análise docente é a espiral reflexiva compartilhada com o grupo, onde todos discutem, opinam e direcionam as aulas. Uma vez a ação ocorrida, a reflexão se dá e, assim, o repensar a ação acontece.

Também se registram diversas manifestações dos educandos quanto ao aproveitamento da disciplina em ambientes que extrapolam o espaço físico da instituição. Em outras palavras, quando o educando aprende a se observar e a refletir sobre essa movimentação interna, ele transforma o espaço a sua volta. O ato de contar onde está envolvendo o que foi discutido e trabalhado na sala é prova de que houve assimilação do que a ementa propõe e transformação do conhecimento construído em algo concreto, a ação.

A partir desses comentários, pode-se dizer que o espaço pedagógico das aulas de Comunicação Empresarial I é dialógico, cooperativo e envolvente, onde todos são sujeitos e atores do processo.

9 – Referências Bibliográficas

- CARR, W. & KEMMIS, S. **Becoming critical**. Brighton, Uk: Falmer Press. 1986.
- CECHIN, Marizete Righi. **Os registros em diários de bordo e a prática reflexiva docente**. Ed. 2. Santa Maria: 1999. Disponível em: <http://www.ufsm.br/linguagem_e_cidadania> Acesso em: 10 junho 2002.
- CECHIN, Marizete Righi, WEIDE, Darlan Faccin. A investigação-ação educacional e a formação de professores. **Analecta Revista do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes**. Guarapuava, 2000, p.19-32.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- MASSETTO, Marcos (org). **Docência na Universidade**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.